

Coleção NÚMEROS POLÊMICOS

2 – A língua e o sexo – Quarto II – A solução (v. 2006)

*O teste da coragem ocorre quando estamos em minoria,
o da tolerância, quando estamos em maioria.*

(Ralph W. Sockman¹)

¡A língua portuguesa parou no tempo em relação à questão dos gêneros!^{*} Conforme observamos no Quarto anterior, o paradigma dominante-recessiva já não se sustenta mais porque grande parte das mulheres já não está mais presa ao trio *casa-cama-maternidade*. Graças a Deus? Talvez. Mas com certeza, graças aos diversos movimentos feministas ao longo de um século e pouco de esforços, e dos quais uma parcela dos homens fizeram e fazem parte.

Uma das consequências é a contínua demolição dos estereótipos de gêneros. Além de ser uma questão de justiça (social), há razões práticas (econômicas) para tanto. Essas autênticas prisões sem paredes se tornaram inegavelmente obsoletas neste início de século XXI. Por exemplo: ¿em qual profissão antes dita masculina, que hoje não tem a presença feminina?

O contrário é igualmente verdadeiro e por isso encontramos homens enfermeiros, comissários de bordo e até, empregados domésticos. Enfim, a abolição de preconceitos androcárnicos traz uma série de vantagens para os seres humanos em geral. Para os humanos brasileiros em particular, há vantagens adicionais, as quais vão muito além da redução nos casos de câncer prostático e da salvação do nosso sistema

^{*} Por vezes, aliás, os avanços ocorrem com a incorporação de recursos antigos (e infelizmente, abandonados em português) como os sinais invertidos de interrogação e de exclamação. Desde que opcionais e usados em frases não muito curtas são de grande ajuda ao marcar, logo no seu início, o propósito (¿) interrogativo ou (¡) exclamativo de uma oração.

previdenciário. É de se indagar, porém – e de se indignar, também:

¿Como o idioma português ainda reflete uma visão de mundo androcêntrica – e portanto, androcárnica – na qual o masculino é padrão e o feminino, exceção!

Não é por falta de opções que androcracia permanece firme e forte na língua que também é brasileira. Este segundo Quarto apresenta uma maneira de se elevar a condição do gênero feminino de nosso principal instrumento de comunicação sem prejudicar o masculino. Assim, nenhum dos dois gêneros linguísticos permanece como se fossem recessivos. Ambos tornam-se dominantes. Ou mais precisamente, **co-dominantes**.

E sabe o que é melhor: a proposta de co-dominância entre os gêneros apresentada nas próximas páginas está ao alcance de qualquer um/a. Mas antes de nós adentrarmos na tão esperada solução, precisamos falar sobre democracia. Sim, democracia. O “governo do povo” é uma aspiração irrealizável da...

...CONCORDÂNCIA PELA MAIORIA[†]

Fazer uma frase inteira ou um pedaço dela (sintagma) concordar com o gênero da maioria é simples. Supersimples[‡]. Quem tiver mais representantes leva a parada. Se há mais mulheres em um grupo do que homens, nós simplesmente concordamos no feminino. Veja o exemplo a seguir:

[†] Ou, de uma forma mais extensa, como **concordância ideológica pela maioria**. Uma concordância ideológica é qualquer uma que não seja nem a padrão nem a atrativa – esta discutida na *Curiosidade 2B*. Como o nome sugere, uma concordância ideológica se baseia em idéias (semântica), em vez de somente na sintaxe das frases.

[‡] Muito mais simples do que o Regime Especial Unificado de Arrecadação de Tributos e Contribuições devidos pelas Microempresas e Empresas de Pequeno Porte, instituído pela Lei Complementar nº 123, de 14 de dezembro de 2006 – conhecido como Supersimples – mas que, na verdade, é complicado.

99 professoras e um professor são mesmo umas privilegiadas. Elas estão ganhando bem.

Democrático, né? Na verdade, majocrático. A grande maioria dos professoras acima está representada devido à concordância com o gênero feminino. Contudo, maioria – incluindo, uma esmagadora maioria – não quer dizer o mesmo que totalidade. Note que o profissional de ensino (do sexo masculino) ficou de fora. Ele foi relegado a um segundo plano, da maneira semelhante à qual as mulheres sempre foram relegadas na concordância androcrática*.

Ainda assim, há vantagens inegáveis na majocracia em relação à androcracia. Menos pessoas são deixadas de lado. É muito menos pior “esquecer” do gênero de uma única pessoa do que o de outras noventa e nove. Isso acontece também se mudarmos o exemplo. Se agora houver mais homens do que mulheres no grupo, a concordância pela maioria produz o mesmo resultado com o qual estamos acostumad@s.

Uma professora e 99 professores são mesmo uns privilegiados. Eles estão ganhando bem.

Generalizando: a concordância majocrática tem o mesmo efeito da androcrática sempre que os elementos masculinos predominarem em um grupo[†]. Já, nas vezes em que são os elementos femininos que prevalecem, a primeira é uma aproximação indiscutivelmente mais fiel da composição sexual

* É como a concordância-padrão, ou “gramatical”, ou “lógica”, será chamada daqui por diante no texto.

† Lembre-se do Quarto I: os elementos masculinos de um sintagma não precisam ser humanos. Muito menos, homens. Exemplos: boneco e cachorro. Analogamente, nada impede que elementos femininos não pertençam à espécie *Homo sapiens*. Exemplos: estrela e formiga.

de um grupo do que a segunda[‡].

INCLUSÃO EM VEZ DE EXCLUSÃO

No entanto, mesmo sendo menos pior do que a androcrática, a concordância pela maioria tem seus inconvenientes. E dos grandes. Vamos ao primeiro deles, que é a dificuldade presente em alguns contextos de se determinar qual é o gênero majoritário.

Em teoria, se as mulheres predominarem o grupo seria referido no feminino. Porém, nem sempre é fácil saber qual é o gênero da maioria. Por exemplo: o censo de quantos homens e de quantas mulheres há na platéia pode não estar à disposição de um/a palestrante. O que ela deve fazer neste caso? Na dúvida, é melhor continuar com a velha e boa expressão “senhoras e senhores”. Como você deve estar pensando – você está cert@ – a concordância pela maioria não é uma alternativa viável às formas de tratamento clássicas.

Até por uma questão de educação. Esse é o segundo inconveniente da concordância majocrática. Ainda que se saiba quantos homens e quantas mulheres estão na platéia, qualquer palestrante em sã consciência deve continuar lembrando de ambos os sexos. “Senhoras e senhores” faz isso. É o que podemos denominar como **respeito às minorias**, um sinal tanto de ética quanto de etiqueta. Está aí a diferença entre majocracia e democracia.

E há mais um terceiro motivo, bem pragmático, para que nunca esqueçamos do gênero minoritário. Acontece que ele nem sempre é tão minoritário assim. Algumas vezes, chega a quase 50% do grupo inteiro. Esse é o caso dos brasileiros homens. Embora estejam em minoria na população total do país, a

‡ Neste sentido, podemos comparar a concordância pela maioria com uma aproximação por arredondamento e a androcrática com uma aproximação por truncamento. Veja mais sobre arredondamentos e truncamentos em R\$ 1,99 – *Um real e muito*.

diferença com a maioria (feminina) é ténue o suficiente para ser considerada um empate técnico. Eles são 49,13% da populaçãoⁱⁱⁱ. Neste caso, entramos num dilema:

Devemos nos valer da concordância pela maioria e chamar o grupo de *brasileiras*? Ou devemos deixar tudo como está e continuar usando a concordância androcétrica indiscriminadamente, com todos os seus milenares problemas?

Entre excluir uma minoria quase majoritária ou excluir uma maioria quase minoritária, por que não incluir ambas? Fiquemos com uma terceira via: a da não-exclusão. E o melhor é que podemos escrever expressões como *brasileiros e brasileiras* de uma maneira compacta, rápida e, sobretudo, **inclusiva**. Idem para *brasileiras e brasileiros*.

EXPRESSÕES INCLUSIVAS EM GÊNERO E O PCIG.

Um português, no qual mulheres e homens não se sentem excluíd@s está cheio de expressões como:

Senhoras e senhores, professores e professoras, advogadas e advogados, engenheiros e engenheiras, médicas e médicos, brasileiros e brasileiras, portuguesas e portugueses, (os e as) falantes da língua de Drummond e de Fernando Pessoa, etc.

Note que algumas dessas expressões começam com o masculino. Outras, com o feminino. Mas o que nos chama a atenção em todas elas é o respeito com todas as pessoas de um grupo, independente de sexo e de gênero*. ¿E como chamar uma proposta para o idioma português, repleto de expressões inclusivas em gênero? A escolha de nome foi pelo auto-explicativo

* Respeitando inclusive as pessoas que nasceram em um sexo, mas preferem viver parcial ou integralmente os papéis (gênero) comumente atribuídos ao outro sexo. Retomaremos esse ponto mais adiante.

Português Com Inclusão de Gênero (PCIG).

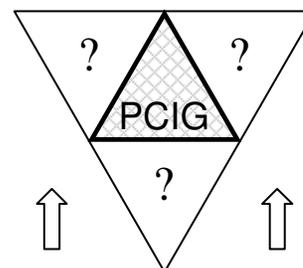


Diagrama 2II-1a - PCIG (incompleto)

Todavia, as expressões inclusivas podem ser longas, muito longas. Veja, por exemplo, o caso de “florianopolitanas e florianopolitanos”. Se pronunciar, uma única vez, o adjetivo relativo às pessoas nascidas em Florianópolis já não é fácil, ¿que dirá então de pronunciarmos duas vezes, só trocando o ‘a’ do feminino pelo ‘o’ do masculino!

Nada mais natural, então, do que abreviá-las. Que tal *florianopolitanas(os)*? Nós podemos utilizar o mesmo raciocínio com expressões menos quilométricas. Aliás, isso não é nenhuma novidade. Frequentemente encontramos a expressão ‘senhores e senhoras’ abreviada com a ajuda dos parênteses. Isto é, como *senhores(as)*[†].

Abreviações inclusivas em gênero vieram para ficar, até porque parecem se comportar como na física de Einstein. O comprimento das expressões diminui quando elas se transformam em abreviações. Quem escreve abreviações inclusivas ganha tempo. Quem lê, também. O melhor é que as expressões abreviadas não precisam se mover próximas à velocidade da luz nem precisamos entender de física avançada para tirarmos proveito do efeito diminuição do comprimento \approx dilatação do tempo^{‡iv}. Abreviar é um recurso ao alcance de

[†] Sim, o PCIG não abrange apenas uma escrita com inclusão de gênero, mas também uma pronúncia. Este é o um dos temas do *Quarto IV – Só para VIP’s* – que será lançado em breve – e que faz todo o sentido uma vez conhecida à escrita do PCIG. Inclusive seus três símbolos-abreviadores, que você acompanhará daqui a pouco.

[‡] Tanto a diminuição (contração) do comprimento quanto a dilatação do tempo são corolários da transformação de Lorentz, descrita e justificada na teoria especial da relatividade de Einstein.

qualquer um/a e não exige um grande esforço de compreensão.

O* Português Com Inclusão de Gênero usa e abusa de abreviações – tanto que ele é comumente referido através de sua própria abreviação: PCIG – e suas abreviações são mais inteligentes do que as tradicionais, com parênteses. Além de mais compactas, elas evitam uma guerra entre os sexos. ¿Devemos escrever “florianopolitanos(as)”, começando com o masculino, ou o contrário, “florianopolitanas(os)”?

Com os símbolos-abreviadores não há saia justa. É florianopolitan@s, quando em letras minúsculas, e FLORIANOPOLITAN@S, em letras maiúsculas. Fim do conflito. ¡Ah, se todas as guerras tivessem uma resolução tão simples assim!

“ARROBÃO” E “ARROBINHA”

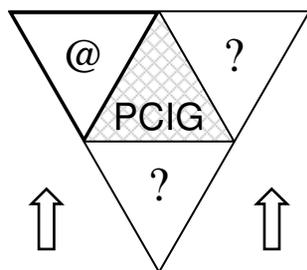


Diagrama 2II-1b – 1º símbolo-abreviador: arroba (não parece mas é o minúsculo)

Usar o símbolo de arroba para juntar masculinos terminados em ‘-o’ com femininos terminados em ‘-a’ também não é uma novidade do PCIG. Nem a junção de ‘-O’ com -A. @s internautas de língua portuguesa e espanhola já utilizam esse símbolo indispensável na comunicação por e-mails também como um instrumento de inclusão de gênero, conforme você pode observar em um número presumivelmente crescente de páginas da Web^v.

O interessante do PCIG é que ele vai um passo além e separa e diminui o tamanho do arroba nos contextos em ele se

* Ao que tudo indica, propostas de inclusão sexual no idioma português ainda são uma grande novidade. A própria designação “português com inclusão de gênero” não foi encontrada na máquina de buscas Google (06/03/2007). Desta maneira, tomou-se a liberdade de chamar essa proposta como *o português com inclusão de gênero*.

sobressai demais. Isso sim é uma novidade. Note como o símbolo-abreviador se destaca em “florianopolitan@s”. Para falar a verdade, destoa. É por esta razão que o arroba em seu tamanho original é denominado aqui de **arroba maiúsculo** ‘@’ – ou “arrovão”, de uma forma mais descontraída[†].

E o “arrovão” pode ser usado como qualquer (outra) letra maiúscula. Além de ser usado para enfatizar palavras – exemplo: FLORIANOPOLITAN@S – ele também pode iniciar frases. Como aquela há dois parágrafos atrás:

@s internautas de língua portuguesa e espanhola...

Porém, grande parte das letras que aparecem nos textos são minúsculas. É aí que entra o **arroba minúsculo** ‘@’ (arrobinha) substituindo, é claro, o ‘-o’ e o ‘-a’ – minúsculos, é claro. Dependendo da fonte utilizada, o “arrobinha” tem entre 60% e 75% do tamanho de seu irmão maior. Independente da fonte utilizada, o símbolo reduzido não apresenta nenhum complexo de inferioridade em relação ao original, pois esta redução nas medidas lhe proporciona notoriedade (fama) e ubiquidade (onipresença).

Repare na economia de espaço-tempo proporcionada pelo pequeno símbolo ao comparar o exemplo da página 3 com este a seguir. Por causa do “arrobinha”, é possível citar os habitantes de mais dois países lusófonos, e também, seus respectivos expoentes literários^{vi}. Mesmo assim, o exemplo diminui em uma linha[‡]:

[†] Há uma segunda razão para a separação do arroba em maiúsculo e minúsculo. Além disso, há um porquê das setas nas figuras 2II-1x. Essas e outras respostas sobre o PCIG, você encontra no *Quarto III – Íntimos detalhes*, que também a ser publicado em breve.

[‡] A substituição do romancista brasileiro e do português por conterrâneos poetas também estendeu o exemplo, efeito que foi traquilarmente compensado através da abreviação das expressões inclusivas originais.

Senhoras e senhores, professores e professoras, advogad@s, engenheir@, médic@s, brasileir@, portuguesas e portugueses, angolanas, moçambicanas, (@s) falantes da língua de Carlos Drummond de Andrade, Fernando Pessoa, Luandino e Craveirinha, etc.

Repare também que o símbolo do arroba – tanto faz se maiúsculo ou minúsculo – liga a vogal ‘a’ com a vogal ‘o’. Falta agora fazer o mesmo com as vogais ‘a’ e ‘e’.

Latim clássico		Latim medieval	Tradução
saeculum	→	sæculum	século
praeteritus	→	præteritus	pretérito
Caesar	→	Cæsar	César
aedificium	→	ædificium	edifício
thermae	→	thermæ	termas
taedium	→	tædium	tédio

Tabela 2-5 – Exemplos em latim com ‘ae’, com ‘æ’ e a respectiva tradução em português

CONTRIBUIÇÃO DO LATIM MEDIEVAL^{vii}

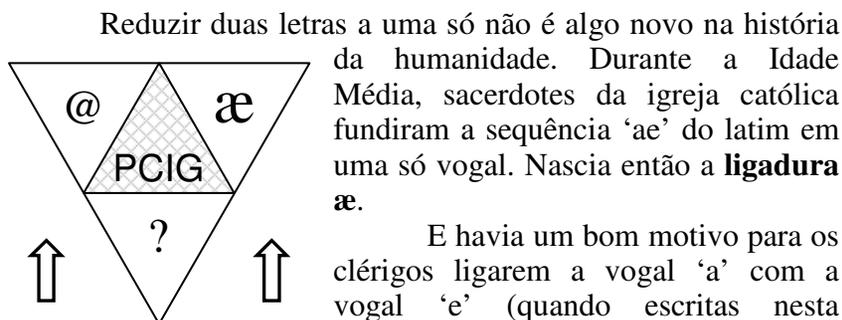


Diagrama 2II-1c – 2º símbolo-abreviador: a ligadura æ

européia e da época, o som era exatamente como o nosso ‘é’ na palavra “café” (e aberto)^{viii}.

Isto quer dizer que a pronúncia de sæculum é **séculum** no latim medieval, e não “saeculum” ou “saeculum”. Os outros exemplos da tabela acima também eram pronunciados com o e aberto: préteritus, thermé, édificium, César e tédium*.

E a ligadura æ persistiu à passagem do tempo. Hoje, ela se faz presente no alfabeto norueguês, dinamarquês, islandês e faroense. No francês, ela é usada em expressões emprestadas do latim como: *et cætera, tænia, ex æquo*. O ‘æ’ também faz parte de um outro alfabeto – o fonético internacional – com o qual podemos escrever a pronúncia de qualquer palavra em qualquer idioma^{†ix}. Aliás, o ‘æ’ foi incorporado^x ao alfabeto fonético internacional (AFI) porque constava do inglês falado do século V ao XII^{xi}.

No Português Com Inclusão de Gênero, a ligadura æ é usada com o propósito de substituir tanto a letra ‘a’ quanto a letra ‘e’. Logo, *senhoras/es* se transforma em *senhoræs* e nós podemos completar o exemplo dos falantes do português, desta vez, com todos os membros da Comunidade dos Países de

* Dizer que a ligadura ‘æ’ tem o som do ‘é’ (e aberto) não significa que ela faça sempre parte da sílaba tônica. Pronunciamos præteritus como préTERi-tus – e não como PRÉteritus. Analogamente, thermæ é TERmé e ædifici-um é édiFIcium.

† A pronúncia de ‘æ’ não é a mesma nestes alfabetos. No dinamarquês, a ligadura tem o som do nosso e aberto, mas no norueguês, no inglês antigo – e, por extensão, no alfabeto fonético internacional (AFI) – o som está entre o e aberto e o a. No islandês ela é pronunciada como ‘ai’ e no faroense, como ‘éa’ ou como ‘a’, dependendo da situação.

Preces meæ non sunt dignæ:
sed tu bonus fac benigne,
ne perenni cremer igne.

Inter obes locum præsta,
et ab hædis me sequestra,
statuens in parte dextra.

Exemplo 2II-2 – 14ª e 15ª estrofes do hino *Dies Irae*, escrito em latim medieval

Língua Portuguesa, representados por um importante escritor/a destas nações:

Senhoræs, professoræs, advogad@s, engenheir@s, médic@s, brasileir@s, portuguesæs, angolana@s, moçambicana@s, guineenses, leste-timorenses, cabo-verdian@s, são-tomensesⁱ, (@s) falantes da língua de Cecília Meireles, Manuela Porto, Viriato da Cruz, Noémia de Sousa, Abdulai Sila, Xanana Gusmão, Manuel Lopes, Francisco José Tenreiro^{xii}, etc.

Tudo muito bonito, mas e ¿se algumas expressões inclusivas em gênero aí de cima, aparecerem no singular? Como abreviar “senhor ou senhora”? O terceiro símbolo-abreviador do PCIG nos dá a resposta.

BARRA NOS OUTROS CASOS

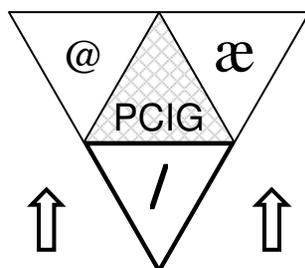


Diagrama 2II-1d – completo e com ênfase na barra

Muitas e muitas vezes, palavras masculinas não terminam em ‘-o’, ‘-os’ ou ‘-es’, nem os respectivos femininos em ‘-a/s’ (‘-a’ ou ‘-as’). A dupla “senhor”, “senhora” é um bom exemplo. Como abreviá-la? “”

Nesta altura do campeonato, a resposta já está mais do que clara. A **barra** ‘/’ cumpre todas as condições de um bom símbolo-abreviador, pois é usada em menos contextos do que os (dois) parênteses ao mesmo tempo em que aparece nos teclados de computador. Ela também é fácil de se escrever à mão – somente um “risco inclinado” e nada mais. Por fim, a barra também é intuitiva. Repare como ela assume bem o papel da conjunção ‘ou’:

* Ou “santomenses”.

senhor/a ↔ senhor ou senhora

Mais sobre a barra você encontra no Quarto III, porque agora vamos terminar este Quarto II de um modo tão inesperado quanto necessário nos dias de hoje.

A LÍNGUA INCLUINDO MAIS DO QUE DOIS SEXOS

O PCIG é um útil adendo à língua portuguesa e que se torna especialmente útil quando a informação sobre o sexo de uma pessoa é secundária. Aliás, o que é uma situação recorrente nos mais diferentes contextos: do direito do eleitor/a de votar[†] ao dever da cidadã/o de pagar imposto. A importância menor do sexo/gênero de uma pessoa também se faz presente nas relações trabalhistas.

Por exemplo, na contratação de um profissional de engenharia – ou de qualquer outra área – aspectos como a experiência profissional, a formação acadêmica, o perfil psicológico, a capacidade de integração com a equipe têm normalmente uma relevância maior do que se o candidat@ é mulher ou homem. Ou mesmo, se estæ não se encaixa perfeitamente na dicotomia *feminino* ↔ *masculino*.

Embora isso ainda nos surpreenda, **transgêner@s**[‡] e **transexuais**[§] podem ser profissionais muito competentes. A bióloga americana Joan Roughgarden é um ótimo exemplo. Doutora pela universidade de Harvard e autora de vários livros e

[†] Do qual a maioria dos brasileiros adult@s não dispõe. Saiba mais em *0 – O direito que você provavelmente não tem*.

[‡] Aquelæs em que os estereótipos de gênero não são aplicáveis diretamente, segundo Wikipédia, Português, Transgênero, 23/dez/2006.

[§] Aquelæs que se identificam com gênero oposto ao que lhe associaram no nascimento. OBS: Transexuais são transgêner@s? Aparentemente sim, mas muit@s transexuais não se consideram como tal. (Wikipedia, English, Transsexualism, 09/jan/2007).

artigos, a renomada bióloga evolucionista foi um homem durante a maior parte de sua existência. Até que, aos 52 anos, submeteu-se à operação de mudança de sexo. Seu nome passou de Jonathan para Joan^{xiii}.

O novo nome e a nova identidade, porém, não prejudicaram sua carreira. Pelo contrário. A transexualidade só aumentou a exposição de seus trabalhos. Principalmente, a do livro *Evolução do gênero e da sexualidade*^{xiv} – escrito já como mulher e dirigido para leig@s. Nesta obra, Joan analisa a evolução do gênero e da sexualidade tanto espécies quanto na humana.

E ela não está sozinha. Há muitos outros exemplos de transgêneros e transexuais bem-sucedid@s em suas carreiras. No Brasil, o caso mais lembrado é o da modelo Roberta Close, mas nem de longe o único. A enciclopédia mais completa da Internet – a Wikipédia – tem uma lista que dispunha, em 9 de janeiro de 2007, de 17 nomes de mulheres transexuais brasileiras e duas portuguesas em carreiras distintas: de educadora a dermatologista^{xv}.

Mas a questão da diferenciação sexual é ainda mais complexa. Além d@s transexuais e transgêner@s – que nasceram com a anatomia de um dos sexos e decidiram viver total ou parcialmente os papéis “reservados” ao outro sexo – há aquelas que já nasceram com características físicas femininas e masculinas. Essas pessoas são chamadas de **intersexuais**. Mais uma vez, a intersexualidade não impede a realização do indivíduo em diversos aspectos da vida. Inclusive no campo profissional.

Um exemplo é o da judoca brasileira Edinanci Fernandes da Silva. Edinanci nasceu tanto com ovários quanto com testículos internos – i.é., sem a formação de saco escrotal como

* A lista de transexuais e transgêner@s falantes do português da versão acima contém apenas um representante do transgênerismo – o ator Rogéria – e nenhum homem transexual. Talvez, a lista se torne mais completa no futuro.

nos homens. Portadora de cromossomo Y, este não se manifestou por completo no caso dela. Edinanci cresceu e sempre viveu como mulher. O caso dela se tornou conhecido em 1996 quando, para participar das olimpíadas naquele ano, ela se submeteu a uma operação para a retirada dos testículos e reconstituição do clitóris. Depois da operação e de um tratamento hormonal, a atleta pôde seguir sua carreira^{xvi}. Edinanci foi a primeira brasileira a disputar três edições dos jogos olímpicos (1996, 2000 e 2004) e, no mundial de 2007, sagrou-se campeã na categoria meio-pesado^{xvii}.

Joan Roughgarden, Roberta Close e Edinanci[†] não são apenas exemplos de que a questão do sexo/gênero é mais rica e complicada do que a dicotomia *masculino* ↔ *feminino* faz supor. Elas mostram também que o ser humano tem um potencial muito maior do que os preconceitos insinuam. Desta maneira, por que discriminar? Por que tratar qualquer grupo de maneira desprivilegiada? O PCIG e outras eventuais propostas de inclusão de gênero são muito interessantes porque elevam a condição de tod@s, sem distinção de sexo, gênero, sexualidade, idade, etnia, crença, nacionalidade, e até time de futebol.

Agora que a nossa viagem pela *Língua e o Sexo* chegou à metade, podemos mencionar o que parece óbvio, mas não é. Somos human@s, sem exceção[‡].

(O Quarto III se encontra em <http://NumPol.com/br/pdf/2III.pdf>)

FIM DO QUARTO II?

[†] Além de Edinanci, outro caso de intersexual no mundo dos esportes é comentado na *Curiosidade 2C*.

[‡] Porém, somente até que a engenharia genética cometa o grave erro de gerar seres vivos que tenham muitas características humanas, mas que sejam considerados sub-human@s. Será este um futuro evitável? Esperamos que sim.

CURIOSIDADE 2B – A CONCORDÂNCIA ATRATIVA

Como alternativa à concordância-padrão (androcrática), a língua portuguesa não dispõe apenas da concordância ideológica pela maioria (majocrática). Podemos nos valer também da **concordância atrativa** – onde um adjetivo relacionado com dois ou mais substantivos não concorda com todos eles, mas somente com o mais próximo. É como se o adjetivo fosse “atraído” pelo substantivo que está mais perto dele.

Veja abaixo a concordância atrativa sendo usada de duas maneiras distintas, mas sem alterar o sentido da frase.

- 99 mulheres e um *homem* privilegiado
- Um homem e 99 *mulheres* privilegiadas*

Interessantemente, a concordância atrativa não faz restrições ao gênero feminino. E ela vai mais longe ao permitir que nós escolhamos com qual gênero um sintagma deve concordar. Se optarmos no feminino, por exemplo, devemos somente colocar um substantivo como ‘mulheres’ por último, de tal forma que ele seja o mais próximo do adjetivo:

Um homem e 99 *mulheres* privilegiadas.

Ainda mais interessante é que a concordância atrativa não cria ambiguidade. ‘Privilegiadas’ está relacionado tanto com ‘99 mulheres’ quanto com ‘um homem’. Nós não precisamos mencionar um adjetivo duas vezes, pois “um homem privilegiado e 99 mulheres privilegiadas” não traz maior entendimento para o leitor/a. Traz apenas redundância^{xviii}.

Concordância atrativa
Um homem e 99 <i>mulheres</i> privilegiadas.

Versão redundante
Um homem privilegiado e 99 <i>mulheres</i> privilegiadas.

* A letra ‘s’ também está sublinhada porque a concordância atrativa permite concordar um sujeito composto também no singular – ao contrário da androcrática e da pela maioria.

Por isso, caso o adjetivo ‘privilegiado’ corresponda apenas a ‘99 mulheres’ ou apenas a ‘um homem’, ele deve aparecer antes do conector ‘e’:

Concordância atrativa	≠	Outro significado
Um homem e 99 <i>mulheres</i> privilegiadas.		Um homem privilegiado e 99 <i>mulheres</i> .

Nos exemplos citados, a concordância atrativa é um recurso aceito sem restrições pelas gramáticas normativas como a de Cunha & Cintra^{xix}. Não recomendado seria:

Um homem e 99 *mulheres* são umas privilegiadas. Elas estão ganhando bem.

Mas, e se nós desconsiderássemos a norma da língua culta em prol de uma participação maior do gênero feminino no idioma? Já que uma gramática normativa é conjunto de convenções e não de dogmas, todos@s falantes do português temos o direito de questioná-la. Não há nada de errado nem de pecaminoso em propostas como a inclusão de gênero. Entretanto, não será com a concordância atrativa nem com nenhuma outra que o idioma se tornará sexualmente inclusivo. Todas as concordâncias padecem do mesmo mal. Um dos gêneros sempre acaba de fora.

Pelo menos neste sentido, a concordância pela maioria ainda é menos pior do que a atrativa. Na primeira, exclui-se sempre o gênero minoritário. Na segunda, nem isso é garantido. Mas, o mais estranho nesta história toda é ver um sujeito composto – e que representa 100 pessoas – concordar no singular:

99 mulheres e um homem é um privilegiado. Ele está ganhando bem.

Não, não... A solução não está em concordar com o feminino ou com o masculino, e sim, em abreviar...

CURIOSIDADE 2C – ERIK/A SCHINEGGER

Uma vez que a existência da intersexualidade em nossa espécie não é um tema muito divulgado, vale a pena mencionar mais um caso exemplar de luta e superação: o do austríaco Erik Schinegger.

A vida dele começou com uma grande indecisão. Logo que nasceu – em 19 de junho de 1948 e com a genitália masculina voltada para dentro – a família e médic@s do hospital não sabiam o que fazer, pois não havia marcas claras se ele era um menino ou uma menina. Após alguns dias de debate, chegou-se a um consenso (errôneo) de que ele era ela, e assim, o bebê foi para casa com um nome feminino: Erika

E Erika teve uma infância feliz como uma garota, sem nenhum questionamento sobre sua identidade de gênero. Porém, tudo mudou com a entrada dela na puberdade. A ausência de menstruação, o não-crescimento de seios e a forte atração por mulheres inibiram muito os contatos sociais. Sua saída foi então canalizar as frustrações no esporte, o que se mostrou uma decisão muito sensata. Erika era uma exímia esquiadora. Tão exímia que ganhou o título mundial na categoria downhill, com meros 18 anos.

Mas as glórias da campeã mundial duraram poucos meses. Um recém instituído teste hormonal constatou que Erika era na verdade um homem. Diante do impasse entre viver como um homem fértil – capaz de gerar descendentes, mas pagando o preço de admitir em público seu sexo biológico – ou ceder as pressões da liga austríaca de esqui e iniciar um tratamento a base de hormônios femininos para não perder o título, Erika não hesitou. Os seis dolorosos meses que se seguiram foram passados no hospital para as devidas cirurgias corretivas na

genitália*. Logo depois, ela consegue autorização do Estado para se tornar ele. Seu nome agora é Erik.

Vale a pena dizer que durante o longo processo de mudança de sexo não arrefeceu a paixão de Erik pelo esqui. Acreditando em seu potencial ele volta para o esqui profissional – agora competindo em campeonatos masculinos – e com tanto êxito quanto nas temporadas anteriores. Mas ele não contava com o conservadorismo da sociedade austríaca nos anos 60. Após a vitória no campeonato estadual e uma ótima qualificação durante as primeiras provas da Copa da Europa, Erik foi impedido de competir pela liga nacional de esqui, a mesma que havia lhe “sugerido” antes da operação para continuar como mulher, vivendo uma mentira, mas sem perder o título mundial para sua pátria-pai†.

Se uma decisão burocrática terminou com seus planos de medalha, ela não impediu a paixão de Erik pelo esqui. Menos ainda sua vida como homem. Ele casou e se tornou pai de uma menina. Há vários anos, o senhor Schinegger dirige uma escola de esqui no mesmo vilarejo em que nasceu^{xx}. E mais. Sua interessantíssima história já foi contada em detalhe tanto em livro quanto em filme, os quais, infelizmente, não estão disponíveis no mercado brasileiro‡.

* Erik e Edinanci viveram duas situações muito distintas: casos clínicos diferentes, épocas e países distint@s, e sobretudo, identidades de gênero contrastantes. Erik não se sentia bem na pele de uma mulher. Edinanci se considera uma mulher e, portanto, merece ser tratada como tal.

† Na língua alemã, patria é “pai” e não “mãe”, como para @s falantes de português e de espanhol. ¿E que pai ruim foi a Áustria de 1960 e pouco para Erik!

‡ Autobiografia *Mein Sieg über mich. Der Mann, der Weltmeisterin wurde* – tradução: Minha vitória sobre mim. O homem, que foi campeã do mundo – de 1998, escrito em parceria com Marco Echenz, e o documentário *Erik(A)* de 2005, do diretor Kurt Mayer.

SAIBA MAIS

ⁱ Wikipedia – English – Ralph Washington Sockman
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Ralph_Washington_Sockman&oldid=163265209

ⁱⁱ Receita Federal do Brasil – Simples Nacional
<http://www8.receita.fazenda.gov.br/SimplesNacional/>

ⁱⁱⁱ IBGE – População – Projeção da População – Revisão de 2004
ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_Projecoes_Populacao/Revisao_2004_Projecoes_1980_2050/

^{iv} Wikipedia – English – Introduction to Special Relativity
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Introduction_to_special_relativity&oldid=167419104

^v Alguns artigos do CMI Brasil usam o arroba como:

Brasileir@s comem alimentos contaminados com transgênicos
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/03/21285.shtml>

Construir a autonomia: 513 deputados, 81 senadores...e cadê você?
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2005/07/324752.shtml>

Outros sites, nos quais foram encontrados textos com o arroba substituindo as letras ‘a’ e ‘o’:

MEBRAP – Movimento das Associações de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Portugal
<http://br.geocities.com/mebrap/>

Associação para o estudo e defesa do direito à identidade de género (grafia do português europeu)
<http://a-trans.planetaclix.pt/index.html>

^{vi} Wikipédia – Português – Luandino:
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9_Luandino_Vieira&oldid=4042567

Wikipédia – Português – Craveirinha:

http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Jos%C3%A9_Craveirinha&oldid=2648013

^{vii} Wikipedia – Deutsch – Mittellatein
<http://de.wikipedia.org/w/index.php?title=Mittellatein&oldid=38081086>

^{viii} *Gramática Histórica Portuguesa e Espanhola* – Vicente Masip – E.P.U – 2003 – seção 2.2.1

^{ix} Wikipedia – English – Æ
<http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=%C3%86&oldid=100369738>

^x Wikipedia – English – History of IPA [International Phonetic Alphabet]
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=History_of_the_IPA&oldid=105495060

Wikipedia – English – Romic Alphabet
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Romic_alphabet&oldid=100354679

^{xi} Wikipedia – English – Old English
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Old_English&oldid=113365162

^{xii} Populações e importantes autoras do países da CPLT – *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (<http://www.cplp.org/>). A ordem das populações e dos autoras é a mesma, que por sinal, também é a ordem dos links abaixo:

http://www.releituras.com/cmeireles_bio.asp
http://www.geocities.com/ail_br/urgenciadecontar.htm
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Viriato_Clemente_da_Cruz&oldid=4347449
http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2005/09/no_79_aniversari.html
http://www.sudoestealentejano.com/literatura/paginas/abdulai_sila.htm
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cultura_de_Timor-Leste&oldid=3786849
<http://www.caboindex.com/claridade/>
<http://www.stome.net/cultura/literat.htm>

^{xiii} Wikipedia – English – Joan Roughgarden
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Joan_Roughgarden&oldid=97206367

^{xiv} Editorara Planta – evolução do gênero e da sexualidade
<http://www.editoraplanta.com.br/EG.htm>

Amazon – Evolution's Rainbow: Diversity, Gender, and Sexuality in Nature and People
http://www.amazon.com/Evolutions-Rainbow-Diversity-Gender-Sexuality/dp/0520246799/sr=8-5/qid=1168465219/ref=sr_1_5/103-4198833-0175055?ie=UTF8&s=books

^{xv} Wikipédia – Português – Transsexualidade, versão de 09/jan/2007
<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Transexualidade&oldid=4556055>

^{xvi} Isto é – 05/jun/1996 – Dúvida no tatame
<http://www.terra.com.br/istoe/comport/139214.htm>

^{xvii} Wikipédia – Português – Edinanci Silva, versão de 27/fev/2007
http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Edinanci_Silva&oldid=5098796

Terra – Esportes – Edinanci é ouro na Super Copa do Mundo de Judô
<http://esportes.terra.com.br/panamericano2007/interna/0,,OI1437630-EI8332,00.html>

^{xviii} Folha Online – Colunas – Noutras Palavras – “Ter a alma e o corpo nus...”
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/noutraspalavras/ult2675u23.shtml>

Folha Online – Colunas – Noutras Palavras – Problemas da concordância entre nomes
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/colunas/noutraspalavras/ult2675u10.shtml>

^{xix} *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Celso Cunha e Lindley Cintra – Editora Nova Fronteira – 3ª Edição – 2001 – pág. 270-274

^{xx} First choice films – Erik(A) – em alemão
[http://www.firstchoicefilms.at/erik\(A\)/de/index.php?item=abouterik](http://www.firstchoicefilms.at/erik(A)/de/index.php?item=abouterik)

Wikipedia – English – Erik Schinegger
http://en.wikipedia.org/w/index.php?title=Erik_Schinegger&oldid=11741199